



Louis Braille na história de todos nós

Hercen Hildebrandt¹

Salve, espírito forte, eterno exemplo santo!
Aos míseros que vão curvados sob a cruz!
Salve, Braille imortal! tu conseguiste tanto,
Que foste o redentor de teus irmãos sem luz!

Augusto José Ribeiro

Trajando nossos elegantes uniformes de gala, ouvíamos o professor Francisco José da Silva proferir um discurso que sempre concluía com a declamação do poema de Augusto José Ribeiro, *A Louis Braille*, cuja última estrofe está na epígrafe deste texto. As solenidades comemorativas do aniversário da instalação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant (IBC), eram longas, cansativas... e, no momento em que o diretor preparava-se para anunciar seu encerramento, a voz - muito peculiar - de nosso velho mestre, uma das pessoas mais humanas que tive o orgulho de conhecer, surgia-nos aos ouvidos: Peço a palavra!, com ele bradando de algum ponto da plateia. E pronunciava seu indefectível discurso.

Já cansados, ansiosos por deixar o auditório, suportávamos, com a impaciência tão costumeira quanto à fala de seu Silva, aquela "lenga-lenga chata". Em seguida, nossa banda de música, formada por alunos e ensaiada por um professor igualmente cego, excelente compositor e arranjador, que todos estimávamos e admirávamos, executava o Hino à Instalação do Instituto, composto no século XIX, com letra de Augusto José Ribeiro, e finalmente podíamos retirar-nos, aliviados.

Às vezes, em nossas brincadeiras de adolescentes, alguém, remedando seu Silva, ironizava: "Peço a palavra!", ou "Salve Braille imortal!", e ríamos escancaradamente. Eu ainda

¹ Ex-aluno e ex-professor do Instituto Benjamin Constant.

não tinha consciência do que, no futuro, as palavras de seu Silva representariam para a formação de minha concepção de mundo. O significado da história dos cegos, de Louis Braille e do sistema de leitura tátil criado por ele, a conquista mais importante para nosso processo de emancipação da tutela da sociedade, ainda hoje muito atrasado, era incompreensível para mim.

Ingressei no jardim de infância do IBC em maio de 1945, com a idade de seis anos. As atividades do educandário, interrompidas em 1937 para as obras de conclusão do prédio em que ainda hoje ele funciona, reiniciaram-se em 1944, com elas ainda não concluídas, dada a preocupação do corpo docente com a demora do retorno das crianças às aulas. Mudanças na política educacional brasileira no Estado Novo, pela necessidade de preparar os trabalhadores para o modelo de substituição das importações, além de valiosas conquistas obtidas pelos cegos e os avanços tecnológicos dos recursos empregados na produção de livros em braille ocorridos no início do século XX, impuseram ao então diretor significativas alterações, tanto em seu projeto arquitetônico quanto em sua organização funcional:

- foi modernizado e ampliado seu parque gráfico;
- construíram-se os edifícios onde funcionariam sua imprensa braille e seu jardim de infância;
- seu curso foi equiparado ao das demais escolas brasileiras - antiga reivindicação de ex-alunos, que desejavam matricular-se em escolas convencionais para dar prosseguimento aos estudos;
- criaram-se cursos de caráter profissionalizante.

Foi a partir do Estado Novo que trabalhadores cegos começaram a obter colocação em oficinas de autarquias federais. Nos anos 1950, eles chegariam às linhas de produção de grandes indústrias.

O Brasil buscava desenvolver sua economia, e suas instituições educacionais precisavam preparar-se para um novo papel. Nosso instituto ajustava-se à nova realidade do país. Vivia, portanto, uma fase de transição, talvez a mais importante de sua história.

Testemunhei a realização de algumas obras, ainda por fazer; a instalação de cursos profissionalizantes, que, embora nem sempre adequados às necessidades do mundo do trabalho, nos preparavam para ele e contribuía para o crescimento de nossa autoestima; o ingresso dos primeiros ex-alunos em cursos sequenciais ao antigo ginásio e sua chegada às universidades; a partida de colegas adultos, que ingressaram no Instituto com idade acima da regulamentar em razão de seu período de inatividade, para a vida profissional.

Benjamin Constant

Particpei de nosso grêmio estudantil desde sua fundação. Lembro com saudade nosso serviço de alto-falantes, com sua programação semelhante à de uma rádio-emissora, incluindo programas de auditório e rádio-teatro, toda produzida e apresentada por nós, então responsáveis pelo serviço de som da escola. Orgulho-me de nosso conselho de representantes, que, em diversas oportunidades, obteve da direção medidas significativas para nossos interesses. O Grêmio Benjamin Constant filiou-se à União Metropolitana de Estudantes Secundários e, em março de 1960, teve seu apoio, juntamente com o da União Brasileira de Estudantes Secundários, para o movimento grevista que obteve do Ministério da Educação (MEC) a substituição de um diretor do IBC.

Convivendo com colegas cegos, como eu, sentia-me livre para brincar, estudar e pensar a vida sob a orientação de professores, em sua quase totalidade também cegos, que, mesmo sem a hoje tão exigida e ansiada formação acadêmica, tinham a experiência das dificuldades que seus alunos enfrentariam ao deixar a escola. Os próprios trabalhadores videntes, acostumados a conviver conosco, já não achavam tão extraordinário que alguém fosse capaz de fazer alguma coisa sem o apoio da visão.

Reunindo crianças de variadas origens étnicas, condições econômicas, procedências regionais e convicções religiosas para estudar juntas, o IBC oferecia-nos a oportunidade de conhecer pessoas com formação diferente da nossa, confrontar ideias e valores, romper com preconceitos.

Em muitos casos, o afastamento de uma criança cega de sua família, desde que esta não a abandone, é uma medida de grande eficácia para levá-la a compreender que sua vida pode ser tão ou mais produtiva que a de seus pais e a de seus irmãos videntes.

Se os antigos tiflocômios foram criados para livrar-nos da mendicância, as escolas especializadas para cegos surgiram para estimular-nos a tornarmo-nos independentes. E foi um aluno do Instituto Nacional dos Jovens Cegos, de Paris, a pioneira dessas escolas, menino de 16 anos, o criador da leitura tátil que contribuiu decisivamente para nosso ingresso nas universidades e no mundo do trabalho.

Ainda adolescentes, entre as paredes do IBC, meus colegas e eu ouvíamos as notícias dos resultados de nossos companheiros mais velhos. Um dia, deixaríamos o Instituto e teríamos de lutar para superar as mesmas dificuldades que eles enfrentavam. Certamente, servir-nos-íamos do Sistema Braille e de nossa experiência no IBC para isso.

Sentado ao computador, revolvendo minhas lembranças para produzir este artigo, recordo minha trajetória no IBC e não posso esquecer seu Silva e seu indefectível discurso nas solenidades dos dias 17 de setembro.

O presente é o futuro do passado e parte do passado do futuro. Assim é a história. Entendendo o passado, podemos projetar o futuro. E era essa a lição que, ainda que inconscientemente, nosso velho mestre buscava transmitir-nos com suas palavras. Piegas,

sim, proferidas em momento que julgávamos inoportuno, o que nos levava a ironizá-las, mas ricas em exemplos de ideal e dignidade.

As escolas especializadas para nós e o Sistema Braille integram-se em uma célula indivisível na trajetória de nossa educação.

Em 2009, tive a honra de redigir o editorial do número da revista *Benjamin Constant* comemorativo do bicentenário daquele que considero o mais importante de nossos companheiros; nosso primeiro grande líder mundial, que ainda hoje permanece vivo em tudo o que realizamos.

Louis Braille não nos presenteou com uma varinha de condão nem nos abriu as portas do paraíso terrestre. Mas sua vida e obra, muito bem descritas na edição especial da *Benjamin Constant* comemorativa de seu bicentenário, mostram-nos um importante exemplo de luta e solidariedade a seus companheiros.

Segundo Edgar Guilbeau, escritor cego que viveu no século XIX, "um fato curioso têm notado aqueles que estudam atentamente a história dos cegos. É que todos os passos da evolução social têm, ainda que lentamente, sido acompanhados por eles".

Não existimos à parte da história dos humanos. É isso que a obra de Braille mostra ao mundo. Ainda hoje, os 63 sinais produzidos com apenas seis pontinhos, ordenados segundo um critério lógico e na medida da poupa do dedo indicador de uma criança, são o recurso mais adequado para nossa compreensão do que é uma letra, uma sílaba, uma palavra, uma frase. Permitindo-nos a criação de diversos códigos, favorecem-nos a leitura e a escrita em todos os idiomas, além da música, da matemática, da física, da química, com independência.

O surgimento da leitura tátil, criada por um cego, demonstra-nos de maneira eloquente e definitiva que muito mais importante que perguntar o que podemos fazer é investigar como o podemos. E ninguém melhor que nós mesmos para respondê-lo.